

29 MAI 1996

08079 0

NOSSA OPINIÃO

Educação

Recuperando o atraso

A taxa de analfabetismo entre os maiores de 10 anos baixou no Brasil, de 21,5% em 1983, para 15,7% em 1993. São números da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A taxa teria certamente baixado mais se, no período, se tivesse atacado o mecanismo de reprodução de analfabetos e semi-alfabetizados, que é a má qualidade do ensino fundamental.

O ministro da Educação, Paulo Renato, acredita que é possível mudar, em dez anos, o quadro trágico do ensino fundamental, conjugando várias ações: a emenda constitucional obrigando estados e municípios a aplicarem, no ensino fundamental, 15% de sua receita líquida de arrecadação; a capacitação dos docentes, através da programação diária da TV Escola, em funcionamento definitivo desde o início deste mês; e o desenvolvimento do Programa Educação para Qualidade no Trabalho, para completar a instrução dos empregados com mais de 18 anos em todas as empresas do país, para levá-la, no mínimo, ao nível da 4ª Série do Primeiro Grau.

No futuro, como já disse o ministro, não haverá mais lugar para quem não tiver pelo menos

oito anos de escolaridade. E o Brasil, nessa matéria, teima em andar para trás: segundo o Anuário Estatístico de 1994 do IBGE, havia, em 1991, nove milhões de chefes de domicílio sem instrução alguma — contra oito milhões, em 1981.

A TV Escola pode alcançar um universo extraordinário, abrangendo simultaneamente alunos e docentes; e encurtar o tempo de capacitação.

A programação será acompanhada por material impresso, os "Cadernos TV Escola" e a "Revista TV Escola", esta já em seu segundo número. Serão 20 milhões de alunos e um milhão de docentes beneficiados por um ensino público permanentemente acompanhado.

O programa Educação para Qualidade no Trabalho começa por um teste de avaliação de conhecimentos, elaborado pelo Ministério da Educação, ao qual se submeterão maiores de 18 anos no mercado formal de trabalho. Daí sairá a

...é possível
mudar, em dez
anos, o quadro
trágico do
ensino

complementação, a ser ministrada nos locais de trabalho. Se ao êxito dessas duas ações se somar o que se espera do novo ensino técnico, o futuro talvez demonstre o que Lawrence Lau, da Universidade de Berkeley, em pesquisa para o Banco Mundial, calculou: 1% a mais no tempo de escolaridade resulta, num ano, em 0,4% de aumento de produtividade.